

O PATRONATO AGRÍCOLA VISCONDE DA GRAÇA EM PELOTAS-RS (1923-1934): SEU PERFIL E COTIDIANO

Magda de Abreu Vicente (autora)

Mestranda em Educação, PPGE/FAE/UFPEL e membro do CEIHE/UFPEL

magdabreu@gmail.com

RESUMO:

Esta pesquisa pretende traçar o perfil dos alunos que se dirigiam ao Patronato Agrícola Visconde da Graça, hoje, Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, no período de 1923 (sua criação) até 1934 (quando passou a ser denominado Aprendizado Agrícola Visconde da Graça) na cidade de Pelotas-RS. Também é intenção deste estudo visualizar as relações cotidianas estabelecidas dentro do ambiente escolar numa intenção de entender a “pedagogia do internar”. As fontes utilizadas para este estudo serão as fichas dos alunos, as correspondências anuais, os relatórios anuais, entrevistas e jornais.

PALAVRAS-CHAVE: Patronato; Ensino Agrícola; Internato (internar) e conformação de mão-de-obra.

INTRODUÇÃO

A intenção deste projeto é pesquisar o período referente ao Patronato Agrícola Visconde da Graça desde o período de sua criação em 1923 até sua extinção em 1934, quando passa a ser chamado de Aprendizado Agrícola do Rio Grande do Sul ora também chamado de Aprendizado Agrícola Visconde da Graça.

Estes Patronatos foram criados em todo o Brasil e tinham por função receber alunos oriundos da zona rural e zona urbana. Da zona rural a principal intenção era a conformação da força de trabalho e da zona urbana objetivava orientar e enquadrar os órfãos e *desvalidos da sorte* com o objetivo de adequá-los dentro da sociedade burguesa de modo que não se tornassem uma ameaça à população citadina e também de modo que não atrapalhassem a nova orientação trabalhista, que agora utilizava mão-de-obra livre, pois foram criados no início do século XX. Este patronato evidencia que talvez os alunos fossem oriundos das ruas e também deveriam se enquadrar na conformação social da força de trabalho que de acordo

com Oliveira (2003) mostrava que o estabelecimento dos patronatos trazia a tona o debate sobre a inserção da infância pobre no mercado de trabalho, portanto, enquadrar àqueles que estavam fora do mercado de trabalho também era uma forma de ajustá-los as necessidades trabalhistas da época em questão.

Esta necessidade de pesquisa provém da ligação existente entre pesquisador e objeto, devido a sua trajetória de estudante e interna neste colégio, já em fins do século XX, entre os anos de 1995 até 1997. O principal objetivo é descobrir quem eram os alunos destinados a esta escola bem como dar vida a estes seres quase que invisíveis e esquecidos pela sociedade atual. Assim saber suas origens, porque iam para esta escola e o que era feito com eles lá dentro, torna-se o meio de rememorar e de reconhecer os seus destinos e dificuldades, bem como mostrar quais eram as reais necessidades desta escola dentro de Pelotas, o que nos faz também saber se esta se enquadrava ou não dentro das orientações gerais dadas aos patronatos no resto do Brasil. Descobrir o contexto local educacional deste Patronato é um dos nossos anseios.

A denominação Patronato não vem deslocada do contexto social em que o Brasil se encontra, muito ligado aos tempos do Império, os Patronatos surgem em várias regiões do Brasil e vêm para suprir duas necessidades nacionais fundamentais: Qualificar mão-de-obra livre para trabalhar ante a agricultura e também tirar dos centros urbanos os chamados “desvalidos da sorte”, pobres e àqueles que atrapalham o bom desenvolvimento burguês dos centros. A etimologia da palavra Patronato acaba explicitando e orientando os estímulos e objetivos de sua criação: Patronato, Patrão, Assistência.

Esta pesquisa será feita através do contato com as diversas fontes encontradas no caminho percorrido. O encontro com os documentos tem sido algo prazeroso e ao mesmo tempo cansativo, pois grande parte do acervo da escola não está organizado, fazendo com que as novidades surgissem para o pesquisador da maneira mais inusitada: através da necessidade de organizar o acervo presente no arquivo morto da escola. Lá encontrei uma sala escura e úmida com documentos jogados ao lume do tempo; passei então a organização desse acervo, onde encontrei coisas riquíssimas, como materiais de cultura escolar (tinteiros, carimbos antigos, uniformes da banda escolar, faixa), livros de correspondências, atas de reuniões, todo tipo de documentação referente à administração, tanto de

funcionários como de professores, livros de entrada e saída de produtos comprados e vendidos e também notas fiscais de todo tipo além dos importantes relatórios anuais e correspondências expedidas. Meu principal objetivo neste acervo é conseguir imaginar, da maneira mais próxima do real possível, o cotidiano daqueles que ali viveram, pois segundo Pesavento (2005) o historiador faz apenas uma representação daquilo que pesquisa, pois jamais poderá demonstrar o passado tal qual ele foi, pretendendo eliminar qualquer disputa entre o real e o não real, pois a “representação substitui à realidade que representa” mostrando um mundo que recorre ao anterior, da maneira mais coesa possível e que o torna verdadeiro na medida em que produz conhecimento e legitimidade sobre o social: “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2005, p. 39).

As fontes que serão utilizadas para esta pesquisa serão os relatórios anuais, correspondências expedidas, fichas dos alunos, entrevistas e Jornal. No Setor Escolar constam as fichas dos alunos que passaram pela escola até a atualidade; nessas fichas há informações referentes aos seus exames e médias, as chamadas “Sabbatinas”, os indicadores sociais (referem-se ao tipo físico do aluno, filiação, naturalidade e nível de conhecimento); também constam os ofícios enviados pelo juiz distrital de órfãos (sendo todos menores, o juiz deveria autorizar sua entrada e saída deste estabelecimento), ficha comportamental; exames médicos e alguns documentos extras que não são padrões em todas as fichas (como algumas correspondências). As fichas serão pesquisadas em sua totalidade, e estão dispostas no acervo da escola por número, ficando da seguinte forma: os arquivos guardam as fichas de todos os alunos que eram identificados pelo número um até os números de mais de 2000. O aluno que teve o seu número um está catalogado no mesmo arquivo de todos os alunos que tiveram o mesmo número um, até os dias de hoje, independente do ano que por ali passou. Abrindo os arquivos identifico os alunos referentes ao ano de meu recorte e recolho seus dados. Os primeiros alunos da escola receberam os primeiros números. Serão abertos em torno de 100 arquivos e pretende-se recolher as fichas de todos os alunos, sendo que era muito difícil existir mais do que 3 fichas em cada arquivo referente aos 11 anos de interesse desta pesquisa, pois os alunos que entravam para a escola neste período ficavam no mínimo dez anos, e saíam somente no caso de serem retirados pelos pais

(mesmo assim deveriam ter autorização do juiz) ou por falecimento, o que as vezes ocorria. Neste arquivo pretendo descobrir a origem destes alunos, trazendo um gráfico correspondente a idade que entravam e saíam da escola, a sua naturalidade, perfil dos pais e também nível de conhecimento e perfil físico. Ao falar de fontes documentais Filho (2002) assim se reporta aos relatórios, pois eles “não apenas dão visibilidade para (e produzem) a realidade da escola mineira do período, mas realizam uma ampla e aprofundada reflexão sobre o educativo escolar, e produzem representações e práticas que, por sua vez, conformam o cotidiano escolar”. (FILHO, 2002, p. 147).

As entrevistas¹ serão feitas com alunos vivos ou com familiares destes alunos bem como com professores e funcionários mais antigos deste período; ainda não estão identificados e selecionados estes entrevistados, isto está se construindo numa rede de informações baseada na solidariedade daqueles que se interessam por este estudo e buscam colaborar indicando conhecidos e parentes que passaram pela escola durante este tempo. A intenção é buscar os relatos de memória para entender o cotidiano dos alunos internos e suas próprias representações e lembranças do momento ali vivido. Essa relação será, sempre que possível confrontada com as fontes documentais; porém o “grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais” (PESAVENTO, 2005, p. 42) impondo e escolhendo através de suas lembranças a melhor maneira de caracterizar o espaço de sociabilidade que por eles foi percorrido, mostrando suas impressões, contentamentos ou descontentamentos. Aqui se pretende também oficializar aquelas impressões que não são registradas pelos documentos oficiais pois são úteis para “dar voz aos personagens do internato, silenciados nos documentos oficiais, principalmente ex-internos e ex-funcionários diretamente ligados ao serviço do internato (guardas de alunos, lavadeiras, cozinheiros; estes últimos nem sempre lembrados pelas pesquisas históricas” (CONCEIÇÃO, 2007, p.22). Além destas fontes será pesquisado o jornal “Diário Popular” e “Correio Mercantil” no período de

¹ Para analisar as entrevistas também me guiarei pelo livro História e História Oral de MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Ed. Loyola, 1998. Outra referência serão as análises de Olga de Moraes Von Simson, que trabalha com bastante propriedade em cima de tais questões e conceitos.

1919 até 1923, com a intenção de entender quais eram os padrões dos discursos que defendiam a criação desta instituição escolar, pois segundo Filho (2002) estes produzem consenso, trazem propaganda política e religiosa, mostram costumes e sensibilidades.

O problema a ser “solucionado” nesta investigação é reconhecer e traçar o perfil dos alunos destinados ao Patronato Agrícola Visconde da Graça no período de 1923-1934 bem como compreender as práticas constitutivas da sociabilidade cultural da escola. Traça como objetivo geral caracterizar, no contexto da “fronteira da legalidade”², o perfil das turmas desta instituição e entender o seu cotidiano dentro da escola bem como sua relação com o contexto econômico, político e social local.

EMBASAMENTO TEÓRICO:

Segundo Antunez (1996, p. 20) “a denominação Visconde da Graça foi uma justa homenagem ao possuidor do título, o ilustre varão pelotense João Simões Lopes Filho”. Pelotas tinha a grande vantagem de possuir um defensor dos ideais da região que era o Ministro da Agricultura, o pelotense “Dr.” Ildefonso Simões Lopes, pai de João Simões Lopes Filho, que defendeu a instalação do Patronato em cidade interiorana sem a principal marca das instalações dos outros patronatos: a sua maioria foram instalados em grandes capitais³ ou porque faziam parte do principal fluxo econômico do Brasil ou porque faziam parte da política intitulada e conhecida por “café com leite” do início da República brasileira em que interesses de São Paulo e Minas Gerais vinham em primeiro lugar nas políticas públicas do país; isto fica evidente até mesmo no número de instalações dos patronatos no Brasil: 7 em Minas Gerais e 3 em São Paulo.

A influência de Ildefonso está presente nos jornais pelotenses. O Diário Popular em artigo do dia 4 de janeiro de 1920 trás um artigo intitulado “O Ministério da Agricultura e o ensino Agrícola”: este artigo exalta as qualidades do Sr. Dr. Simões Lopes pois

² Utilizo aqui “fronteira de legalidade” com a intenção de identificar àqueles que estavam à margem da sociedade, entre o ilegal (nas ruas, dentre famílias pobres e sem constituição familiar coesa) e o legal, que seria o oposto destes.

³ No início do século XX foi instalado um total de 17 patronatos no Brasil (sendo um em SC, três em SP, dois no RS, um em Pelotas e outro em Porto Alegre, sete em MG, dois em PE, e um na PA). OLIVEIRA, 2003, pg. 75.

...é de se esperar que sua gestão, como dissemos, se caracterize por essa nobre e louvadíssima preocupação de promover o aumento da eficiência deste mesmo trabalho, graças à generalização dos modernos conhecimentos e de processos mais aperfeiçoados. (DIÁRIO POPULAR, 4/01/1920, pg. 1)

A denominação patronato⁴ foi usual para um período histórico em que a preparação para o trabalho estava intimamente ligada à moralização da sociedade e sua adequação às necessidades liberais pregadas pela nova república. Não só em Pelotas, mas em diversas cidades foram criadas tais instituições que pela própria etimologia já demonstram que não vieram somente para direcionar-se a finalidades educacionais e sim para sanar um outro problema existente no Brasil que seriam as dificuldades de adequar aqueles que estavam a perambular pelas ruas ou simplesmente na condição de pobres; segundo discursos do período a denominação mais comum era serem chamados de “imorais”.

“As finalidades atribuídas aos patronatos agrícolas conformam o perfil institucional entre dois modelos: o escolar - voltado para o ensino profissional, educando para o trabalho agropecuário – e o correccional – regenerar por meio da vida no campo com a predominância da reclusão e da ênfase em aspectos disciplinares”. (OLIVEIRA, 2003, p. 33)

Nascimento, ao falar da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, criada em 1924, antes chamada de patronato São Maurício, em Sergipe, assim a caracteriza:

A denominação pouco importa. Em oitenta anos, a instituição foi Patronato, Aprendizado, Escola de Iniciação Agrícola, Escola Agrícola, Colégio e Escola Agrotécnica. No imaginário ficou a marca do Aprendizado. É este o nome que a memória reconhece e que o imaginário entende como espaço capaz de regenerar o mais rebelde dos adolescentes e recuperá-lo para a vida produtiva do campo e o convívio social. (NASCIMENTO, 2004, p.1)

Segundo Monteiro a educação nos patronatos era vista como uma “pedagogia preventiva e corretiva”. “Esse entendimento, de perspectiva salvacionista, conferida aos patronatos, associa educação e trabalho e, ao fazê-lo, concebe o trabalho como

⁴ Segundo o dicionário Larousse Cultural, a etimologia desta palavra é significativa de “autoridade de patrão, proteção concedida por pessoa poderosa a um inferior, proteção concedida por pessoa poderosa a um inferior, sociedade oficial ou privada que tem por fim readaptar à vida social os ex-condenados ou libertos condicionais, organização destinada a zelar pela infância abandonada, local onde essas sociedades têm sede”. (1999, p. 697)

educação e disciplina, superando a idéia original que o considerava atividade degradante.” (MONTEIRO, 1997, p.48)

Na virada para o século XX há uma conseqüente mudança dentro da sociedade brasileira, um novo conceito de trabalho estava sendo construído. Este não pertencia mais aos escravos, mas a sociedade em geral. Segundo Pandini

A necessidade de positivar o trabalho em si adentrou os espaços escolares e, em âmbito nacional, tomou assento em currículos e programas de ensino, especialmente na área de história. O trabalho e os trabalhadores delineavam-se como os grandes produtores da riqueza nacional, ícones de uma promessa de futuro grandioso. Corolário dessa assertiva foi a urgência em articular a formação do povo brasileiro em prol de criação de mão-de-obra para a indústria e a fim de mitigar as disputas e conflitos sociais. (PANDINI, 2006, p.30)

Quando a sociedade brasileira, nos anos 20, começa a estruturar-se nessa nova orientação semi-industrial e não mais simplesmente agro-exportadora as necessidades da sociedade em geral também mudam. As camadas médias que estão nas cidades brasileiras, o proletariado e até mesmo parte das oligarquias que já estão vinculadas à industrialização preocupam-se agora, com aspectos relacionados ao catolicismo, nacionalismo, tenentismo e educação. (NAGLE, 2001, p. 27). É nessa teia ideológica que surge a necessidade também do ensino técnico, pois a cultura passa a ser exigida e expandida também aos setores incipientes. O Brasil necessita formar cidadãos instruídos, pois os discursos de políticos e setores de camadas médias entendem esta sociedade como atrasada e coberta pelo tapete da ignorância que encobre grande parte da sociedade brasileira tida como analfabeta. Assim, a educação começa a se fazer necessária visto ter também que instruir a sociedade para o trabalho. “O que era implementado pela República não encontrava ressonância na sociedade e o descontentamento estava presente, manifestando-se em várias situações”. (OLIVEIRA, 2003, p. 10).

Este estudo visa estudar este Patronato com a intenção de perceber o cotidiano e os motivos reais que levavam especificamente os pelotenses e as autoridades locais a colocarem seus alunos nesta instituição escolar. Para Lopes

Os tais seres concretos da história, da história da educação, são seres sexuados e em relação de classe, de gênero, de raça, de idade, sem nenhuma preferência pela ordem em que se diz isso. Além disso, uma das formas de se perceber a concretude da sua inserção é, sem dúvida, pensar esses seres sexuados, etc., em um dado cotidiano. A contemporaneidade do historiador, mas também de suas fontes, está imersa no

cotidiano. Perceber a história, construir a história sob essa ótica é uma forma de escapar à lógica da dominação, e a uma história da perspectiva dos dominantes. (LOPES, 1994, p.24)

Concordando com a autora entende-se a importância de realizar esta pesquisa e percebê-la dentro deste contexto determinado. Para Certeau o fazer historiográfico está determinado pelo meio em que é produzido. Neste sentido encontram-se três premissas, que juntas, articulam esse saber: “é a combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita”. (CERTEAU, 1995. p. 66). Baseando nestas idéias, o fazer historiográfico, evoca um lugar social definido que é a instituição escolar. Esta instituição, obviamente, está determinada pela escolha do recorte desta pesquisa, ou seja, “o dito”. Esses recortes foram influenciados pelas opções teóricas e pelo meio social em que o pesquisador/historiador encontra-se inserido, ou seja, “a prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade” (idem, p.74) ou pelo meio em que o pesquisador está inserido, por isso não pretende fazer a História desta instituição mas apenas uma delas. E ainda:

Não quero dizer com isso que nós simplesmente inventamos histórias sobre o mundo ou sobre o passado mas sim que a afirmação é muito mais forte: que o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e que não podemos sair dessas narrativas para verificar se correspondem ao mundo ou ao passado reais, pois elas constituem a realidade. (JENKINS, 2004. p. 28)

CONTEXTO LOCAL E REGIONAL

A preocupação com o desenvolvimento agrícola e voltado para o campo em Pelotas não é mérito do período Republicano. Desde o Império esta preocupação é freqüente e não raro teremos em Pelotas a primeira Escola de Ensino Agrícola e Veterinário do Rio Grande do Sul. Em fins do século, em Pelotas, predominava a economia voltada para a feitura do charque e que proporcionou à cidade o desenvolvimento em termos culturais, econômicos e sociais avançados para o período em questão. Os filhos dos charqueadores e até mesmo estes, através de seus periódicos e contatos com os Europeus traziam as novidades e idéias inovadoras para o Sul com relação ao grande atraso da região em questões agrícolas. Assim, esta preocupação corrente faz com que se queira estar ao passo

européu e com que se discutam melhorias e inovações científicas nas áreas agrícolas (ZARTH, 2007).

Desde a colônia, quando o Estado precisava de mão-de-obra para alguma atividade manufatureira de grande porte, utilizava os pobres através de sua preparação no ensino dos ofícios. Em Pelotas, a charqueada trouxe outras necessidades de técnicas de produção na medida em que se expandia à demanda do charque.

Ao sofrer as conseqüências, sejam elas boas ou ruins, deste processo de adequação ao setor produtivo gaúcho, os Patronatos refletem as transformações decorrentes das necessidades econômicas e políticas do início da República. Pesavento (1988) ao pesquisar a trajetória da burguesia gaúcha e sua afirmação enquanto classe também demonstra o quanto existe a necessidade de uma formação que garanta aquilo que fica exposto através das práticas escolares: uma disciplina para o trabalho. As relações de classe ou de uma fração de classe não se formam sem que estejam vinculadas com o trabalho, no caso da análise de Pesavento, o locus de sua formação são as fábricas que estão surgindo no país. Na cidade de Pelotas, citando-se, por exemplo, a cervejaria Ritter, a Companhia de Fiação e Tecidos pelotense dentre outros. Essas relações extrapolavam os muros das fábricas e se impunham diante das dominações das mentes, são escolas vinculadas às fábricas e também lugares para assistência social, lazer e habitação, uma forma de cercar o trabalhador mesmo que não esteja dentro do seu local de trabalho, assim, discorre seu cerceamento além dos muros da fábrica.

No caso desta pesquisa, os Patronatos, sejam no Brasil, sejam na cidade de Pelotas, surgem entremeados às questões fabris e rurais, tanto que sua orientação é atrelada a educação agrícola e ao ensino dos ofícios da agricultura e pecuária. Porém, quando estes recebem dentro de suas habitações e espaços àqueles que são oriundos do meio urbano, estamos falando exatamente do que Pesavento (1988) já lembrava: as dominações e vinculações trabalhistas, são extra muros, sejam muros distantes das fábricas, como no caso dos Patronatos que se localizavam distantes dos centros urbanos, ou sejam nas voltas das fábricas, como foi o caso da abertura e surgimento de várias instituições escolares especificamente vinculadas as orientações de trabalho para aprender os ofícios fabris.

No Rio Grande do Sul a crescente industrialização muda os ares das cidades. Pelotas vive o dia a dia dos aglomerados urbanos e dos chamados “cortiços”. As necessidades de organização do espaço urbano por parte do poder público crescem ao mesmo tempo em que crescem as dificuldades para a sociedade que não está enquadrada no trabalho das fábricas ou qualquer outro que seja digno da conduta que exige agora a burguesia. Assim para Pesavento (1995) o processo de êxodo rural no RS foi mais lento, porém havia muito forte as migrações cidade-cidade e campo-cidade que contava também com os excedentes da abolição da escravidão. Esse contexto citadino também é vivenciado na cidade de Pelotas que padece das mesmas carências do resto do estado com relação ao crescimento da cidade e as condições precárias de higiene e saneamento básico. Essas características serão marcantes para a formação do Patronato Agrícola na cidade de Pelotas, pois muitos dos alunos que ali se instalaram eram crianças pobres, órfãs e oriundas das cidades do interior.

No depoimento de Therezina Jerlach Alves⁵ de 81 anos, mulher de um ex aluno do Patronato, membro da primeira turma da escola, já falecido, conta a origem da família do marido: este saiu de Pinheiro Machado, cuja mãe carregava 5 filhos e o pai tinha sido assassinato nas disputas por terras, no ano de 1923. A mãe vendeu todas as terras “por ninharia” e veio de carroça com os cinco filhos, passando o temor da viagem pelo medo das tropas que estavam em disputa na Revolução de 1923⁶. Ao chegarem na cidade os dois menores de idade, mas com idade suficiente para entrarem no Patronato, são colocados no mesmo. O medo da sociedade burguesa deste período era o de que as pessoas não trabalhassem. Muitos cortiços, casas de jogos, *puteiros* surgiam como forma de suprir as necessidades urbanas; estas instituições eram condenadas no período porque ameaçavam à moral e os bons costumes e a única saída seria fazer com que estes fossem habilitados ao trabalho que “nobilitava, engrandecia: é a riqueza, a virtude, é a felicidade” (PESAVENTO, 1995, p. 62) Assim, admitia-se um trabalhador bêbado, mas não um bêbado não trabalhador, até porque segundo a mesma autora, dentre os bêbados estavam incluídos até mesmo membros da polícia e da elite.

⁵ Este depoimento foi colhido em 18 de julho de 2008 na casa da própria depoente.

⁶ A Revolução de 1923 evidenciou a disputa entre Borges de Medeiros e Assis Brasil nas eleições à presidência do RS.

Segundo Conceição (2007) os internatos vieram com o sentido de “endireitar” meninos e meninas pela ordem social, sendo esta a base do princípio pedagógico. A educação era feita muito mais pelas escolas do que pelas famílias porque dentro destes recintos as crianças estariam livres da grave influência maldosa do mundo externo e das ruas. Outra importante questão surgida neste momento de efervescência dos internatos como opção para a educação da infância pobre é a preocupação higienista pois a insalubridade nos internatos e nas cidades é algo que vem a tona devido a necessidade de ater-se ao cuidado de uma grande quantidade de seres que estão aglomerados no mesmo espaço. No Patronato Agrícola Visconde da Graça essa preocupação não é diferente das outras instituições com a “Pedagogia do Internar”. Para entrar no internato a primeira medida adotada era a vacinação de todos os alunos, constando na ficha escolar presente no acervo da Escola. Em alguns casos os alunos levavam atestado médico, geralmente expedido pela Clínica Geral do Dr. Álvaro Barcellos, atestando as boas condições de saúde dos alunos. Mesmo assim, todos ao entrarem para a escola passavam por avaliações físicas feitas pelo médico do Patronato o que não prevenia de modo total as boas condições de saúde dos internos pois o menor Honório Flores, além de atestar várias faltas nas sabbatinas⁷ também faltou durante todo o mês de julho, agosto e outubro (provavelmente por motivos de saúde). Entrou no Patronato em 11 de outubro de 1923 e desligou-se da escola em 13 de setembro de 1927 por motivo de falecimento em função de meningite. Os pais já eram ambos falecidos e este antes de morrer foi isolado no “Isolamento Municipal”. O menino entrou pra escola com 10 anos de idade e morreu aos 14 anos.

CONCLUSÕES PRELIMINARES:

As conclusões preliminares que podemos tirar do início deste estudo já apontam algumas respostas ao problema aqui posto: os alunos do Patronato Agrícola Visconde da Graça entravam por serem órfãos de pai ou mãe, ou ambos, muito mais do que por serem de origem rural. Serviam dentro da escola, desde a meninice, para aprender os ofícios do trabalho, passavam um período de vida muito conturbado e disciplinador, severamente rígido: Segundo Therezinha o marido

⁷ Sinônimo de Provas para o período em questão.

quase nunca falava de sua passagem pelo Patronato, pois lá havia sofrido muito, a comida era ruim, o trabalho era excessivo e os castigos eram numerosos. Ao adentrarmos melhor nas recordações, memórias e fontes documentais teremos a provável resposta desta construção de sociabilidade dentro do espaço escolar: Será que era tão ruim assim?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNEZ, José Leonel da Luz. **CAVG: História de um Patronato**. Ed. Universitária, 1996.

CERTEAU, Michel. **A operação histórica**. In: Lê Goff e Nora, Pierre. (orgs.) *História: Novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995b.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A pedagogia de internar: Uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão-SE (1934-1967)**. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Sergipe no ano de 2007.

CULTURAL, Larousse. **Grande dicionário da Língua Portuguesa**. Ed. Nova Cultural. 1999.

FILHO, Luciano Mendes de Faria. **O Jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX**. In: ARAUJO, José Carlos Souza; Junior, Décio Gatti. *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados: Uberlândia, MG. EDUFU, 2002. p. 133 à 150.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Tendências Teórico-Metodológicas de pesquisa em História da Educação**. Série Documental: Eventos, n.5, maio/1994.

MEIRELES, Ceres Mari da Silva. **Escola de Artes e Offícios de Pelotas: a longa espera dos “desfavorecidos da fortuna”**. ASPHE, Gramado, de 29 e 30 de agosto de 2002. pg. 249 à 258.

MONTEIRO, Maria Lúcia da Silva. **O Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça. CAVG e a formação para o trabalho no campo**. Tese de doutorado apresentada na UFRGS, 2007.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na primeira República**. Ed. DP&A. 2ª ed. 2001.

OLIVEIRA, Milton Ramon Pires de. **Formar cidadãos úteis: Os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República**. Bragança Paulista, 2003.

PANDINI, Sílvia. **A Escola de Aprendizizes Artífices do Paraná: “Viveiro de homens aptos e úteis” (1910-1928)**. Dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

ROMANELI, Otaíza. **História da Educação no Brasil**. Ed. Vozes. 11ª ed. 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS-1989-1930)**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1988.

_____, Sandra Jatahy. **O cotidiano da República: elite e povo na virada do século**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 3ª ed. 1995.

_____, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ZARTH, Paulo Afonso. **Entre a Tradição e a Inovação: as Primeiras Instituições de Ensino e Tecnologia para o Campo no Rio Grande do Sul**. In: Werle, Flávia Obino Corrêa (org.). *Educação Rural em Perspectiva Internacional*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. P. 131-154.

ENTREVISTA: Therezina Jerlach Alves. Entrevista colhida em 18 de julho de 2008 na casa da própria depoente.

PERIÓDICO: *Jornal Diário Popular*, 1920.